

Relatório de Gestão – Mai/20

Rio Ações FIA

Ações				
FUNDO	% MAI/20	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO AÇÕES FIA	9,05	-17,67	16,74	593,61
IBOVESPA	8,57	-24,42	-9,49	96,50

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% MAI/20	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	0,00	0,11	0,34	40,88
Large Caps	2,85	-10,18	-10,15	101,90
Mid Caps	6,14	-6,92	29,77	538,10
Small Caps	0,25	0,18	4,37	79,69
Custos	-0,19	-0,87	-7,59	-166,96
Total	9,05	-17,67	16,74	593,61

início: 26/10/2010 (fundo) 31/12/2006 (clube)

O Rio Ações FIA obteve uma valorização de **9,05%** durante o mês de maio/2020 em comparação a uma alta de **8,57%** do Ibovespa. Ao longo dos últimos 12 meses, o fundo acumula ganhos de **16,74%** contra uma desvalorização de **-9,49%** de seu benchmark.

Maior foi mais um mês de recuperação dos mercados globais. O maior apetite por risco levou o S&P 500 a subir 4,5% nos Estados Unidos. Na Europa, o STOXX 600 avançou 3,0% e no Brasil o Ibovespa encerrou o período acima dos 87 mil pontos, acumulando a alta citada anteriormente. Já o Real apresentou valorização frente ao dólar, com a cotação da moeda americana fechando o mês valendo R\$ 5,33 (-2,7%). A gradual reabertura das principais economias do mundo, juntamente com novos pacotes de estímulos fiscais e monetários por parte de seus respectivos bancos centrais e governos, foram os principais fatores que sustentaram esta melhora nos ativos de risco globais. Como exemplos, citamos o Japão, terceira maior economia do mundo, que pretende aumentar os estímulos fiscais na economia com um pacote de cerca de US\$ 1 trilhão, enquanto na Europa foram apresentados incentivos da ordem de US\$ 750 milhões. Ainda existe uma crescente expectativa pelo programa de recompra de ativos por parte do BCE.

Por outro lado, o aumento das tensões entre EUA e China em função da proposta do parlamento chinês em criar uma nova legislação de segurança nacional para Hong Kong voltou a preocupar os mercados. Este novo ponto de estresse nas relações sino-americanas pode colocar em risco a 1ª fase do acordo comercial assinado entre estes países em janeiro deste ano, ameaçando assim a tão aguardada recuperação econômica mundial.

No Brasil, os efeitos da pandemia também se refletiram nos dados econômicos. O PIB do primeiro trimestre de 2020 encolheu 1,5% na comparação com o mesmo período do ano passado devido à forte queda em

nossa atividade (consumo, serviços e indústrias). O distanciamento social e a consequente paralisação da força de trabalho elevou nossa taxa de desemprego para 12,6% ao final do mês de abril, equivalendo a uma redução de quase 5 milhões de pessoas em relação ao trimestre anterior. As projeções do PIB brasileiro indicam uma queda da ordem de 6% a 8% para o ano de 2020. Todos esses fatores estão em linha com as expectativas de um novo corte da taxa Selic para 2,25% a.a. já na próxima reunião do COPOM, dado o ótimo comportamento apresentado recentemente em nossos índices de inflação.

O quadro político continua sendo o maior fator de risco para o cenário interno. Embora a possibilidade de um impeachment do presidente tenha sido substancialmente reduzida após a divulgação do vídeo da reunião ministerial, existe um constante atrito entre os poderes. Entretanto, a recente distribuição de cargos pelo poder executivo para políticos de partidos do centro acabou sendo bem vista pelo mercado financeiro, pois garante base de sustentação para que o governo consiga aprovar importantes medidas e projetos junto ao congresso, com o objetivo de acelerar nossa retomada econômica e manter programas de assistência à população.

O país continua com uma curva ascendente de casos confirmados e de óbitos devido à pandemia e permanece sem um ministro da saúde efetivo desde que Nelson Teich deixou o governo por incompatibilidade com as diretrizes impostas pelo presidente. A reabertura da economia brasileira dentro desse cenário de contágio, principalmente em áreas de menor poder aquisitivo, pode acarretar uma nova aceleração de nossa curva de casos, forçando novos períodos de *lockdown* em cidades nas quais o número de leitos disponíveis se aproxime do esgotamento.

Para o mês de junho, continuamos esperando a manutenção de um processo de retomada por parte das principais economias do mundo. Assim, o apetite por risco continuará crescendo, gerando também fluxo de investimentos externos para as bolsas de países emergentes. O Brasil, mesmo ainda num momento de crescimento da curva de infectados, também será beneficiado por este fenômeno. É importante lembrar que o cenário interno, com a combinação de três crises simultâneas (sanitária, econômica e política), já vinha sendo em grande parte precificado pelos mercados, dado que nossa bolsa de valores continuava apresentando um dos piores desempenhos globais quando analisamos sua *performance* em dólar no acumulado de 2020 (-43,9%).

Enquanto o investidor estrangeiro tem retirado recursos da Bovespa desde o ano passado, o investidor local, seja pessoa física ou institucional, continua alocando capital em renda variável, reflexo em grande parte do processo que o país atravessa ao longo dos últimos anos de queda estrutural em suas taxas de juros.

Sendo assim, a combinação da melhora do cenário externo com o arrefecimento da crise política interna após o entendimento do executivo com partidos do centro, cria um ambiente bastante favorável para a valorização de nossos ativos, pois permite o alinhamento de interesses entre o investidor estrangeiro e o local, todos injetando recursos na bolsa em um mesmo momento. Os riscos a partir deste ponto estariam relacionados à possibilidade de uma segunda onda de contaminação nos países do 1º mundo e/ou uma radical aceleração da curva ainda crescente de casos da doença no Brasil, tudo como consequência das respectivas reaberturas econômicas.

Diante deste cenário, o Rio Ações FIA apresentou ótimo comportamento ao longo do mês de maio, dado que desde o final de março, conforme detalhado em cartas anteriores, já tínhamos aumentado sua exposição comprada em bolsa, encerrando o período em análise com praticamente a totalidade dos recursos disponíveis alocados em ações. Continuamos a buscar bastante seletividade na montagem de nossa carteira, priorizando o investimento em companhias com maior grau de liquidez, pouco endividadas e que sejam vencedoras em seus respectivos mercados de atuação, função dos riscos sempre existentes em momentos de rápida correção nos preços dos ativos globais.

Nosso portfólio segue alocado em empresas que possuem receita em moeda estrangeira, via exportação ou através da presença de subsidiárias no exterior (26% do total), mas durante o último mês aumentamos um pouco o peso de companhias com atuação no mercado interno (73% do total), devido basicamente ao arrefecimento de nossa crise política.

Nessa segunda parte da carteira citamos o setor de bancos, bastante descontado em relação aos seus múltiplos históricos, as empresas consolidadoras no segmento de *e-commerce*, claramente vencedoras em um ambiente de isolamento social, além de oportunidades de investimento com elevado potencial de valorização em setores como os de educação, construção civil, *telecom* e *fintechs*. Além disso, mantemos posições relevantes nos ramos de energia elétrica e saneamento, que possuem como importante característica a distribuição de dividendos em níveis bastante atrativos, principalmente quando comparados à nossa atual taxa básica de juros.

As maiores contribuições para o fundo e seus respectivos ganhos ponderados durante o mês de maio vieram das ações de Vale ON (+1,72%), Via Varejo ON (+1,16%), Light ON (+1,12%), Cemig ON (+0,85%), Magazine Luíza ON (+0,84%), B2W ON (+0,82%) e Banco do Brasil ON (+0,81%). Os destaques negativos ficaram por conta de JBS ON (-0,44%) e Cogna ON (-0,39%).

Nossas cartas anteriores estão disponíveis no site: www.riogestao.com.br

Atenciosamente,

Equipe Rio Gestão de Recursos.